

O AMBIENTE E O FUTURO

por Mário Soares

As ondas enormes que afectaram todo o nosso País e também a Galiza e que impressionaram tanto os que as viram, não foram um fenómeno que às vezes acontece, como ouvi um popular dizer na televisão.

Como as monumentais chuvadas no Reino Unido ou as outras grandes inundações nas Filipinas e antes no Japão. São sinais perigosíssimos da transformação da Terra, que a podem vir a modificar em poucas décadas. Estamos perante uma emergência planetária sem antecedentes conhecidos.

Já aqui escrevi há poucos meses sobre um livro intitulado "Dez mil milhões", da autoria do grande cientista inglês, Stephen Emmott, catedrático da Universidade de Cambridge, que na tradução portuguesa já vai na 2ª. edição.

Dez mil milhões, será a população humana da Terra em poucos anos. E a probabilidade de desintegração da Terra, num universo totalmente desconhecido, no máximo dentro de cinquenta anos, com as terríveis consequências que daí advirão, poderão ser fatais. Como diz o autor do referido livro.

Há uns anos atrás falou-se muito no aquecimento excessivo da Terra e da forma como se devia tudo fazer para o evitar. A ONU, quando tinha Secretários-Gerais inteligentes e responsáveis, empenhou-se a fundo na defesa do ambiente. Houve variadas reuniões da ONU sobre esse tema, em que se discutiram os perigos do aquecimento global. Até que, após a reunião frustrada que teve lugar na Dinamarca, os grandes Estados (América, China, Índia, Rússia e Japão) não só não se entenderam entre si, como deixaram de ter conteúdo esse tipo de reuniões. Não houve mais nenhuma com consistência desde então. Como se o problema gravíssimo do ambiente não interessasse nada. A verdade é que, julgo, até hoje, o Secretário-Geral da ONU, ao que parece, se calou nem tem tido nada de novo a dizer. De resto, quem ouve hoje a ONU? À excepção dos que lutam nas guerras em curso?

O que diz, em síntese, o referido professor Stephen Emmott é que há um grande risco de, num prazo máximo de cinquenta anos, a Terra vir a desintegrar-se. Porquê?

Porque muitas florestas desapareceram por destruição dos interessados ou por incêndios postos ou ocasionais. Muitos animais, úteis aos humanos, porque deles se alimentam, estão também a desaparecer, como os próprios peixes. Muita flora e fauna estão já, em muitos casos, a desaparecer. Porque a ganância dos mercados e dos usurários que os governam, em busca do petróleo, dos minerais preciosos e do gás, estão a transformar a Terra e a destruí-la. Para os usufruírem. Há suficientes vozes, entre os cientistas, para o provar.

Na actual época de crise grave, na América (que está a melhorar) e na União Europeia, mas não só, em que a política e os partidos estão dependentes dos mercados e dos que os governam, a situação piorou muito. E por isso os políticos não contam. E as questões do ambiente, não lhe interessam nada, porque só os obrigaría a despender mais dinheiro.

O referido Stephen Emmott, como bom inglês, pensa que são os políticos os responsáveis. E num Estado com uma democracia tão estabilizada como o Reino Unido, é provável que assim seja. Como na América, onde a crise foi ultrapassada, dada a intervenção do poder político e, em especial do Presidente Barack Obama.

Mas já não se passa o mesmo com a União Europeia e especialmente com a Alemanha ex-nazi ou os países ex-fascistas do Ocidente. Nos exemplos citados as democracias são recentes e os

mercados actuam com mais facilidade, como é o caso de Portugal, em que o Governo e o Presidente têm tido uma total subserviência relativamente aos mercados. No discurso de Ano Novo, o Presidente só se ocupou dos mercados, como se a política e os políticos tivessem deixado, para ele, de existir...

É certo que as coisas estão a mudar na Europa. Os Estados Unidos sabem que a União Europeia lhe é um bem absoluto e necessário, porque são os seus únicos aliados fiéis. Não pode deixar que a crise financeira faça com que a Europa caia no abismo, como ameaçou, com total razão, o grande social democrata, Helmut Schmidt.

Voltando ao problema central deste texto. É urgente e em absoluto necessário que se volte a viver a temática do ambiente e dos perigos que corre a nossa Pátria comum, a Terra. Só a política e os políticos o poderão fazer.

Todos os cidadãos responsáveis, independentemente dos seus interesses financeiros, políticos, sociais, ideológicos e ambientais, perceberam que é indispensável salvar a Terra, diminuindo, custe o que custar, o aquecimento terrestre, de modo a evitar os degelos, do Ártico e do Antártico, e evitando que algumas cidades sejam engolidas pelos Oceanos. Como aconteceu em algumas ilhas das Filipinas.

Note-se que na situação actual, todos os humanos devem ter um mínimo de consciência do que se pode passar na Terra e como se devem defender. Se não for para bem deles, será para o dos filhos e dos netos. Porque, como se viu no fim-de-semana de 4 e 5 de Janeiro, as ondas no litoral português e na Galiza, foram de tal vigor e altura que entraram nas estradas e engoliram automóveis e destruíram restaurantes e casas à beira-mar...

Além do livro citado de Stephen Emmott é importante também ler a tradução recente em português do livro do ex-Vice-Presidente dos Estados Unidos, Al Gore, prémio Nobel da Paz, intitulado "O Futuro". Vale a pena lê-lo.

No que se refere às questões ambientais e ao que chama, curiosamente, a Terra S.A. Porque a economia - e em especial as finanças - devem ser hoje vistas à escala mundial, cujos interesses ultrapassam tudo. E daí também se chega à questão do que é o objectivo deste modesto texto: o problema do ambiente e em especial do aquecimento da Terra. O desafio demográfico, o consumo dos recursos do Planeta como o petróleo, o gás e a própria água e, obviamente, a necessidade de uma consciência global para salvar a Terra.

Note-se que quando as ondas nos atingiram com dez a treze metros de altura, o nosso querido Brasil brilhava com os seus 50 graus de calor e nos Estados Unidos da América e Canadá, chegou-se aos 50 graus negativos...

Hollande e a Direita

O Presidente François Hollande desde que foi eleito, tem sido diariamente combatido pela Direita, com as razões mais desagradáveis - e quase sempre falsas. Chegaram a um ponto tal que alguns dos seus correligionários e presumivelmente votantes, também não se esforçaram para dizer que se tinham enganado, porque Hollande não prestava para Presidente.

Tenho a honra de conhecer François Hollande, há muitos anos, pela mão de François Mitterrand, de quem todos os que me conhecem sabem que fui não só amigo como admirador.

Sou, como se sabe, presidente do Prémio da UNESCO, Félix Houphouët-Boigny pour la Recherche de la Paix. O ano passado estando ausente, por doença, não assisti à reunião do júri que atribuiu o prémio a François Hollande. Mas fiquei obviamente muito satisfeito quando soube da notícia.

Porém quando chegou o momento de lho entregar, o secretário do Prémio, Alioune Traoré, insistiu em que fosse eu a fazê-lo, o que implicava a necessidade de ir a Paris. Não foi fácil para mim obter autorização dos médicos. Fui num dia e regresssei no dia seguinte.

O Presidente Hollande estava num bom momento, dado que tinha conseguido que a ex-colónia francesa, Mali, ficasse em paz.

Por isso ofereceu-me um almoço no Eliseu em que estavam, como convidados de honra, vários Presidentes africanos que, como é hábito, cada um deles, discursou longamente.

Chegámos por isso à UNESCO com alguma dificuldade e atraso, dada a multidão que lá nos aguardava. Por sorte nem o Presidente Hollande nem eu tínhamos discursos escritos e cada um de nós falou pouco. Pude assim entregar-lhe o prémio, sem perder o último avião para Lisboa.

Aceitou o prémio e agradeceu, mas disse logo que o iria entregar totalmente a instituições sociais de apoio aos mais necessitados. Foi uma bonita e inesperada acção.

Vem tudo isto a propósito do semanário *Le Point* de 9 de Janeiro último, que não é uma revista propriamente de Esquerda. Publica em toda a capa um excelente retrato de François Hollande, com o seguinte título em letras amarelas sobre fundo negro: "e se ele acordasse... (enfim)".

Ao que parece, do ponto de vista da Direita é o que está a acontecer. E isso, como é evidente, não agrada nada à Direita, que não pára de inventar histórias desagradáveis (até, as que lhes ficam muito mal) sobre a sua vida privada. Porque, para toda a gente de bem, da vida pessoal dos outros não se deve falar. Nem bem nem mal.

Sobretudo, num momento em que houve um bom entendimento entre a França e a Alemanha, voltando ao eixo franco-alemão, para vencer a crise financeira que afecta vários Estados vítimas por efeito da terrível austeridade. Austeridade que provoca sempre, em todos os Estados estragos imensos, como se tem visto.

Como se sabe, a França não está nem financeira nem economicamente bem. Mas grandes culpas dessa situação cabem ao governo Sarkozy, não a Hollande.

Mas o ano de 2014, vai mudar tudo. Os grandes dirigentes da União Europeia vão mudar e os substitutos vão ser eleitos e não escolhidos, como até agora. E por outro lado, os Estados Unidos estão atentos e não têm nenhum interesse que a União caia no abismo. Bem pelo contrário.

Daí que há que ter esperança no que se vai passar em França. Hollande está bem acordado e sabe o que faz.

Lisboa, 14 de Janeiro de 2014

Espanha vai mal

É sabido que sou grande amigo e admirador de Espanha. Sobretudo em função da sua cultura, de excepcional qualidade e da sua arte, igualmente excelente. Visitei o Prado inúmeras vezes e outros museus, como na Catalunha, o Teatro-Museu Dali.

Vivi, pela Rádio Madrid, a guerra de Espanha, a torcer, evidentemente, pelos republicanos. E lembro-me bem o que me custou a vitória de Franco e dos seus marroquinos.

Muito mais tarde, depois da Revolução dos Cravos e da morte de Franco participei, de certo modo, na transição democrática espanhola, graças à amizade que fiz com Adolfo Suarez. E depois, com o actual Rei, D. Juan Carlos e a sua tão inteligente Esposa e com seu Pai D. Juan de Bourbon, que tantos anos viveu em Portugal. Tenho uma imensa simpatia pelo Povo espanhol. Além de grandes amigos que tenho em Espanha como Raul Morodo, Felipe Gonzalez, Federico Mayor, Alfonso Guerra e tantos outros. Alguns que, infelizmente, já morreram, como Tierno Galván e Santiago Carrillo.

Vem isto a propósito do momento crítico que vive Espanha bem como Portugal. A nossa Península tão mal tratada pelos vencedores da II Grande Guerra, refiro-me a Inglaterra, aos Estados Unidos e a França que, por medo do comunismo, mantiveram as ditaduras anti-democráticas ibéricas.

Com a crise financeira, económica, social, política e ambiental, que atravessa a União Europeia - e em especial a zona euro - Portugal e Espanha foram vítimas da austeridade a que a Chanceler Merkel obrigou. Com uma diferença: Espanha, que foi atingida depois de Portugal, não aceitou a Troika. Mas submeteu-se à austeridade, o que veio quase a dar no mesmo.

Além disso, Mariano Rajoy, líder do PP e actual Primeiro-Ministro, tem-se revelado um mau político e, sobretudo, um mau diplomata. Ainda agora, no País Basco, onde a ETA tinha deposto as armas, em vez de dialogar com os seus militantes, voltou a prendê-los, o que provocou enormes manifestações. E com a Catalunha tem feito o mesmo. O que só provoca os independentistas.

O que não deixa de ser estranho para um homem que é da Galiza, que é uma das Autonomias que também gostaria de ser Estado, como se sabe.

A Espanha é um país que, com a transição democrática criou dezassete autonomias.

Hoje não são só três autonomias que reclamam a sua língua própria e independência. São bastantes mais. Daí, Felipe Gonzalez, que é andaluz, de Sevilha, tenha já dito que a Espanha devia ser um Estado único, mas Federal.

Mariano Rajoy, como Primeiro-Ministro, só tem agravado, pelo que leio, todas as dificuldades de Espanha.

Curiosamente, sendo da mesma ideologia economicista de Portugal, não me parece que tenha grande contacto com o seu homólogo Passos Coelho.

Sucede que além da crise - e dos problemas graves que têm vindo a afectar Espanha - surgiram problemas com alguma gravidade com a Casa Real. A doença do Rei D. Juan Carlos e o problema jurídico-penal a que estão sujeitos a princesa Cristina e o seu marido Urdangarín. É uma questão séria que não é nada boa para a Monarquia. Como o Povo tem mostrado.

Felizmente que o herdeiro de Sua Majestade, é extremamente capaz e simpático para o Povo, bem como a sua Esposa.

O que significa que, apesar das manifestações em favor da República, o actual herdeiro terá toda a possibilidade, mesmo em caso de referendo, de que se mantenha a Monarquia. Porque desde que existe, dada a forma como foi feita a transição democrática, a Monarquia consolidou-se. Principalmente após o golpe de Estado anti-democrático do 23 de Fevereiro de 1981, feito no Congresso e a clareza com que o Rei falou ao País, seguindo o que lhe disse seu Pai, pelo telefone, visto que ainda estava em Portugal.

Lisboa 14 de Janeiro de 2014